

Os anos 60

# **DAS QUEIXAS DE BARBOSA À HEGEMONIA DO FC PORTO**



Alves Barbosa em dificuldade no Tour

**1960**

**Ano difícil para Alves Barbosa no “Tour” de França**

Não tendo participado na “Vuelta” a Espanha de 1960, a selecção de Portugal correu a Volta a Marrocos e logo na primeira etapa triunfou Alves Barbosa, com Antonino Baptista no 2º lugar, cabendo a Pedro Júnior envergar a camisola laranja. Os portugueses começaram em bom plano, mas depois, na ponta final, desceram na geral. O melhor classificado foi Antonino Baptista, com um excelente 4º lugar a 2m 13s do vencedor, o marroquino El Gourch. Aos restantes portugueses couberam as seguintes classificações: Pedro Júnior (5º), Alves Barbosa (8º), Manuel Simões (18º) e Azevedo Maia (21º e vencedor da Montanha). Por equipas Portugal ficou no 3º lugar entre os oito países concorrentes.

Com muito espírito de sacrifício, Alves Barbosa conseguiu terminar o 'Tour' de França, que foi ganho pelo italiano Nencini. O popular 'Tó' foi o 65º, com o atraso de 2h 29m 55s. No final da 8ª etapa da Volta a Portugal, Tomar-Lisboa, Alves Barbosa, que foi 53º e perdeu 13m 49s, decidiu abandonar a corrida e fazer algumas acusações: *“Decididamente esta Volta não foi feita para que eu me sentisse bem nela. E quando digo que não foi talhada para mim refiro-me especialmente ao modo como ela tem sido conduzida nitidamente contra mim.”*

A Volta a Portugal veio a ser ganha pelo 'portista' Sousa Cardoso, líder ao longo das 14 etapas finais das 19 em que se dividiu o percurso, terminando com 1m 05s sobre Antonino Baptista (Sangalhos). Carlos Carvalho, também do FC Porto, venceu a Montanha e a formação espanhola 'Licor 43' triunfou por equipas.



Sousa Cardoso

Sousa Cardoso, que já se havia notabilizado no ano anterior, e que era, muito justamente apontado como principal favorito, conquistou a liderança na quarta etapa, a mais longa, com 232 quilómetros, de Braga para Viseu, corrida debaixo de chuva torrencial, e daí até final, apesar dos ataques que lhe foram dirigidos, nomeadamente pelo consagrado corredor espanhol António Gomez del Moral, manteve na sua posse o símbolo do primeiro lugar.

Esta vitória foi para Sousa Cardoso a justa consagração das suas extraordinárias faculdade de estradista, que continuaria a evidenciar nos anos seguintes, sem, contudo, voltar a ter sucesso. Anote-se, contudo, a circunstância de não a ter podido discutir com o principal favorito, Alves Barbosa. que teve de abandonar para etapa Lisboa-Évora devido a um forte ataque de bronquite, que o impediu de tentar, no contra-relógio Évora-Beja, apeaar Sousa Cardoso do comando, como tinha projectado.

Na etapa que terminou em Coimbra levantou-se acesa polémica, com o público

por um lado a defender que Angel Guardiola tinha sido o vencedor e, por outro lado, o júri a atribuir a vitória a Sousa Cardoso. Outra situação insólita foi a que se observou na chegada a Espinho, quando o espanhol António Gomez del Moral, com vantagem suficiente para ganhar, começou a olhar para trás e permitiu que Sousa Cardoso o ultrapassasse.

Os estrangeiros emprestaram bons aliciantes à corrida, sobretudo pela réplica valorosa que lhes foi dada pelos nossos melhores corredores. Mesmo assim, os espanhóis José Del Moral e António Moral venceram etapas, e os italianos Renato Longo e Oreste Magni, fizeram o mesmo, mas vestiram ainda, por um dia, a camisola amarela.

Pedro Polainas (Sporting) ganhou o Porto-Lisboa e Azevedo Maia (FC Porto) chamou a si o título de campeão nacional. Alves Barbosa soma sexta vitória no Circuito da Malveira.

Em corridas no estrangeiro Alves Barbosa (Rapha-Gitane) venceu o Critério de Pourdes, em França, e 2 etapas na Volta a Marrocos, e José Manuel Marques (Benfica) ganhou a Volta ao Estado de São Paulo, no Brasil.

## **1961**

### **FC Porto falha partida, mas Mário Silva ganha a “Volta”**

No final da Volta a Espanha, Alves Barbosa, que havia ganho a etapa Albacete-Madrid (198 Km), classificou-se em 18º, a 25m 58s do vencedor, o espanhol Angelino Soler. Os restantes portugueses obtiveram as seguintes classificações: Sousa Cardoso (24º), Carlos Carvalho (44º), Sérgio Páscoa (48º) e Henrique Castro (49º).

Fosse pela gastroenterite diagnosticada pelo médico, fosse pelo bacalhau que comeram ao almoço, ou água inquinada, vinho verde gelado ou por qualquer outra razão, a verdade é que os corredores do FC Porto chegaram tarde ao local da partida da 11ª etapa Tavira-Beja, da “Volta”, iniciando a corrida com substancial atraso, depois de uma noite em que ninguém da comitiva do clube nortenho pregou olho.



Mário Silva

Os que estiveram em piores condições, com diarreias, vômitos, tonturas e febre, foram Mário Sá, Sousa Santos e Júlio Abreu, mas destes, nesta “etapa maldita”, só os dois últimos vieram a desistir, juntamente com José Pinto e Ernesto Coelho.

Porém, aqueles que restaram da equipa, não se deixaram vencer pelo desespero e quatro dias depois, no final da etapa de Covilhã para Guarda, Mário Silva conquistou a camisola amarela.

Este caso da intoxicação dos corredores “portistas” teve, no entanto, repercussões disciplinares devido ao facto do director da equipa do FC Porto, Franklin Cardoso, ter insultado, em público, o director da corrida, pela indiferença que revelou perante o drama vivido pelos seus corredores, o que, em sua opinião, justificava perfeitamente que a partida tivesse sido atrasada. Os insultos valeram-lhe um severo castigo.

Resistindo a todas as adversidades e a todos os ataques, Mário Silva (FC Porto) ganhou a Volta com 57s de vantagem sobre o italiano Marcoletti (Ignis). Sousa Cardoso, o principal favorito até ter adoecido, acabou por se classificar em 12º, à frente até de Alves Barbosa.

Andaram os homens do Académico a comandar a corrida até à Serra da Estrela, para no contra-relógio para a Guarda, despontar na ribalta da Volta a figura de Mário Silva, que, a partir daí se manteve na frente, não só pelas suas próprias capacidades, mas também pelo enquadramento que o seus colegas de equipa lhe proporcionaram.

Foi, pois, Mário Silva no já referido contra-relógio, quem salvaria o FC Porto, garantindo-lhe a sequência de vitórias que teve a primeira interrupção em 1963 e depois, a partir de 1965 num longo interregno até 1979.

Esta Volta teve ainda a particularidade de ter sido a mais rápida das que até então se realizaram, pois Mário Silva realizou a média de 36,755 Kms/h. A sua vitória nesta edição foi também valorizada pela forte oposição que encontrou nos italianos e espanhóis, nomeadamente de Marcoletti, o segundo classificado que ficou a escassos 57 segundos. Se acrescentarmos que em terceiro lugar se classificou Alberto Carvalho a 23m 25s, ter-se-á uma ideia mais concreta do que foi o renhido duelo que teve de travar com o italiano.

O título de campeão nacional foi conquistado por Ilídio do Rosário (Benfica) e o Porto-Lisboa foi ganho por Azevedo Maia (FC Porto). Anastácio Santos (Benfica) foi o vencedor do Circuito da Malveira e António Pisco conquistou a Volta ao Algarve.

No plano internacional registem-se a vitória de Alves Barbosa numa etapa da Volta a Espanha e outra na Volta a Andaluzia.

## **1962**

### **Recorde de desistências na “Volta”**

Com o terceiro lugar na última etapa da Volta a Espanha de 1962, Vitória-Bilbau (171 Km), Mário Silva subiu ao 23º lugar da geral, a 45m 48s do vencedor, o alemão Rudi Altig. Os outros dois ciclistas portugueses que chegaram ao fim de prova, Jorge Corvo e Francisco Valada, classificaram-se, respectivamente, em 29º e 48º (último).

Na Volta à França do Futuro, Mário Silva foi vítima de uma atitude anti-desportiva praticada pelo suíço Binguelli, que atirou ao chão o ciclista português a fim de permitir que o seu compatriota Heeb vencesse o Prémio da Montanha. O ciclista helvético foi penalizado com 5 minutos, mas mesmo assim, tanto os ciclistas como os clubes não calaram a sua indignação, pois Mário Silva viu-se assim relegado para o segundo lugar na classificação dos trepadores.

Dos 129 ciclistas que alinharam à partida para os 2.589 quilómetros do percurso da 25ª Volta a Portugal, apenas 36 chegaram ao fim. Esta razão de 93 corredores afastados da corrida traduz bem as dificuldades do traçado da prova e valoriza sobremaneira a vitória de José Pacheco (FC Porto) em

despique com Peixoto Alves do Benfica, equipa dirigida por Alves Barbosa. O FC Porto venceu também por equipas e um dos seus integrantes, Mário Silva, triunfou na montanha.



José Pacheco

O obreiro da equipa que elevou tão alto o pavilhão do FC Porto, foi Franklim Cardoso, o técnico que a orientava, um verdadeiro 'dragão' do asfalto, estratega astucioso, que sabia aproveitar as características dos seus corredores.

Refira-se ainda que a tarefa de José Pacheco foi deveras dificultada, quer pela nutrida lista de inscritos que formaram um pelotão de 129 unidades -- o maior até aí reunido numa Volta -- quer pelo importante lote de favoritos que se apresentaram à partida, tais como os benfiquistas Peixoto Alves (2º), Francisco Valada (5º) e Manuel Simões (7º), os sportinguistas Pedro Carvalho (6º) e João Roque (9º) e o tavirense Jorge Corvo (3º).



A vitória no Porto-Lisboa pertenceu a Antonino Baptista (Sangalhos) e Henrique Castro venceu o circuito da Malveira.

**1963**

### **João Roque “tirou” a Jorge Corvo a vitória na “Volta”**

João Roque foi o português melhor classificado na Volta a Espanha, ao colocar-se no 32º lugar, a 14m 26s do vencedor, o francês Jacques Anquetil. Terminaram a prova mais sete corredores portugueses, cujas classificações foram as seguintes: Mário Silva (34º), Jorge Corvo (35º), Agostinho Correia (44º), Peixoto Alves (50º), Indalécio de Jesus (55º), Alcino Rodrigo (59º) e Laurentino Mendes (61º). Chegaram ao fim 65 corredores. Por equipas a selecção de Portugal ficou em 5º lugar entre as nove equipas concorrentes, sendo que todas as formações adversárias representavam firmas ou marcas.

O Sporting, ao cabo de quinze anos, regressou à galeria de vencedores por intermédio de João Roque, que interrompeu a série de vitórias (4) conquistadas pelos corredores do FC Porto, naquele que foi o período do seu absoluto domínio no ciclismo nacional.



João Roque

A vitória conquistada pelo ciclista 'leonino', sucedendo à de Francisco Inácio, em 1941, confirmou, com eloquência, a sua enorme categoria, confirmação que, no entanto, não viria a traduzir-se num segundo êxito, o que se explica por nessa época o pelotão nacional estar recheado de muitos outros valores.

Tal como em 1959, Jorge Corvo (Tavira) ficou de novo em segundo lugar na Volta a Portugal de 1963, atrás de João Roque (Sporting) que terminou com 25 segundos de vantagem. O ciclista algarvio andou cinco dias de camisola amarela, desde a Guarda até Tavira e foi precisamente na sua terra, no contra-relógio para Loulé, que o corredor do Sporting assumiu o comando nos últimos quatro dias da corrida.

O Benfica venceu por equipas e o seu ciclista Peixoto Alves foi o primeiro nos Pontos e na Montanha. Contudo, a Direcção do Benfica proibiu o treinador da equipa, Alves Barbosa, de prestar declarações à Comunicação Social.

Laurentino Mendes (Ovarense) foi campeão nacional e João Roque (Sporting) arrebatou a vitória no Porto-Lisboa. O Circuito da Malveira foi ganho por João Brito (Alpiarça) e Leonel Miranda venceu o GP de Aveiro.

## **1964**

### **Jorge Corvo outra vez segundo na “Volta”**

No balanço da Volta a Espanha de 1964 merece destaque o terceiro lugar de Manuel Costa na etapa Lérida-Jaca (201 Km) e o 23º lugar de Francisco Valada, a 36m 18s do vencedor, o francês Raymond Poulidor. Os restantes portugueses chegados ao final ficaram colocados nas seguintes posições: João Roque (25º), Laurentino Mendes (30º), Manuel Costa (35º), Jorge Corvo (44º) e Júlio Abreu (49º e último).

Joaquim Leão (FC Porto) venceu a 27ª Volta, estabelecendo um novo recorde na média, que, pela primeira vez, entrou na casa dos 39 (39,404 Km/h), suplantando assim o máximo de 37,408 Km/h, obtido no ano anterior por João Roque. Ao fim dos 2.398 Kms, repartidos por 20 etapas, apenas 60 corredores, dos 103 à partida, resistiram às dificuldades do percurso e da competição.



Joaquim Leão

Joaquim Leão, que vinha perseguindo este triunfo há já algum tempo, fez por merecer a confiança do seu técnico, Emídio Pinto, que soube orientar a corrida do seu pupilo, enquanto Alberto Carvalho luzia de amarelo no pelotão, e no momento próprio, na etapa Curia-Cartaxo, de 214 quilómetros, que se ajustava às características do corredor 'portista', lançou-o à conquista da camisola amarela, ataque a que o ciclista do Académico não teve reserva de energias para responder.

No entanto, houve outros adversários a dificultar a tarefa do corredor do FC Porto, tais como o sportinguista João Roque, que fez quanto estava ao seu alcance para repetir o êxito do ano anterior, tendo terminado na terceira posição a 3m 22, e ainda os belgas da Flândria, Franz Brandt, Vandamme e Van den Berghe.

Na ponta final da prova foi o taviense Jorge Corvo quem mostrou maior espírito combativo, mantendo uma séria ameaça ao camisola amarela Joaquim Leão, mas veio a terminar, pela terceira vez, em segundo lugar, de novo com o

ligeiro atraso de 44 segundos.

Laurentino Mendes (Sangalhos) revalidou o título de campeão nacional e Alcino Rodrigo (Benfica) venceu o Porto-Lisboa. No Circuito da Malveira triunfou João Centeio (Alpiarça).

Jorge Corvo (Tavira) venceu a Volta ao Estado de SãoPaulo e a Clássica 9 de Julho, ambas no Brasil e Leonardo Cristina (Benfica) ganhou uma etapa na Volta a Andaluzia.

## **1965**

### **Peixoto Alves leva Benfica à vitória na “Volta” após 15 anos**

A Volta a Espanha de 1965 principiou em Vigo com nove ciclistas na selecção de Portugal: Mário Silva, Joaquim Leão, Laurentino Mendes, João Roque, Jorge Corvo, Francisco Valada, José Pinto, Peixoto Alves e Sérgio Páscoa, dirigidos por Aristides Martins. Na 6ª etapa, Madrid-Cuenca (161 Km), desistiu Peixoto Alves e, no dia seguinte, no final da tirada entre Cuenca e Benidorme (212 Km), a equipa de Portugal, dirigida por Aristides Martins, retirou-se da prova com os restantes oito corredores, em resultado de uma série de acidentes que muito os abalaram física e moralmente.

A 28ª edição da Volta a Portugal foi ganha por Peixoto Alves (Benfica), em renhido duelo com o sportinguista João Roque, que foi 2º e Mário Silva (FC Porto), o 3º, enquanto que, por equipas, venceu a formação belga da Flandria seguida do Sporting e do FC Porto.



Peixoto Alves

O franzino e irrequieto benfiquista Peixoto Alves, que já tinha sido segundo em 1962 e terceiro em 1963, após uma época muito discreta em 1964, com uma tenacidade de valor inverso ao da sua pequena estatura, atacou com grande determinação no primeiro contra-relógio, em terras espanholas entre Vigo e La Toja, com 63 Kms, e conquistou a camisola amarela, que estava na posse de Carlos Carvalho, para não mais a perder até Lisboa. Nessa longa caminhada, o Benfica cerrou fileiras em redor do seu líder, protegendo-o dos ataques dos espanhóis da equipa Inuri e dos belgas da Flândria.

Os prémios foram entregues na noite do dia em que a prova terminou, durante uma festa no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, ao Parque Eduardo VII, cabendo a Peixoto 67.750\$00 (incluindo um extra de 25 contos, oferta do Benfica). No dia seguinte Peixoto partiu para a caça às rolas e posteriormente emigrou para França.

José Pacheco (FC Porto) foi o vencedor do Porto-Lisboa e Albino Alves (fc Porto) ganhou o Circuito da Malveira. No plano internacional registou-se a vitória de Sérgio Páscoa (Tavira) na Clássica 9 de Julho 8Brasil).

## 1966

### Francisco Valada inesperado vencedor da “Volta”

João Roque (Sporting), em 1966, venceu a Volta ao Estado de São Paulo (Brasil), mas os brasileiros, nada satisfeitos com isso, acusaram os portugueses de 'doping'. Feitas as devidas análises veio a apurar-se que aquilo a que os brasileiros chamavam de 'doping' era afinal vinho do Porto e no fim até o médico acabou por beber um copito.

Apesar da Flândria, em 1966, ter apresentado uma formação bastante forte, não foi ainda desta vez que um estrangeiro venceu a Volta a Portugal. Contra todas as previsões, foi o benfiquista Francisco Valada, que, imitando o seu colega Peixoto Alves, vestiu a camisola amarela sensivelmente a meio da prova e levou-a até Lisboa.



Francisco Valada

Na etapa que fez a primeira passagem pela capital, o Benfica açambarcou o melhor da festa, com a vitória de Pedro Moreira e a passagem do comando para Francisco Valada. Peixoto, a servir de guarda-costas de Valada, só atacaria se este claudicasse, mas João Roque não estava dando boa conta de si e Sérgio Páscoa foi apenas uma ameaça que nunca chegou a concretizar-se, acabando em terceiro com um atraso de 40 segundos, mais oito do que Peixoto, na segunda posição.

José Azevedo (Cedemi) venceu o Campeonato Nacional, mas foi Joaquim Leão (FC Porto) quem triunfou no Porto-Lisboa. No Circuito da Malveira a vitória pertenceu a António Acúrsio (Benfica). No Brasil, João Roque (Sporting) venceu a Volta ao Estado de São Paulo.

## **1967**

### **Houbrechts: primeiro estrangeiro a vencer a “Volta”**

Começou, em 1967, a 30ª Volta a Portugal com a reduzida participação de 54 corredores e apenas 18 completaram os 2.363 Km do percurso, com 23 etapas em 17 dias, que veio a ser ganha pelo belga Anton Houbrechts, da equipa da Flândria, quebrando assim a tradição, pois foi o primeiro estrangeiro a inscrever o seu nome na lista dos vencedores da ronda lusitana, deixando o sportinguista João Roque no segundo lugar. O Sporting teve o seu prémio de consolação com a vitória por equipas e o primeiro lugar de Leonel Miranda na Montanha.

Para além da formação belga, Sporting e FC Porto foram as equipas que mais se destacaram nesta edição, com os seus ciclistas a repartirem entre si as vitórias nas etapas e a camisola amarela. Emiliano Dionísio (Sporting) venceu o prólogo na pista das Antas, mas a liderança de Manuel Correia, durante seis etapas, passou depois para o 'portista' Cosme Oliveira que a conservou nas seis etapas seguintes, altura em que o belga Jan Monteyne se guindou ao primeiro lugar onde se manteve durante cinco jornadas, sendo destronado pelo 'leão' Manuel Correia, líder por três dias a juntar aos seis iniciais, mas nas duas derradeiras jornadas Houbrechts tomou conta da corrida.



Anton Houbrechts

João Roque era o sportinguista em melhores condições para discutir a vitória final nos últimos dois dias, mas Houbrecht conseguiu romper a rede que os homens do Sporting teceram à volta do seu chefe-de-fila e defendeu, com grande estoicismo, a possibilidade de uma vitória que já lhe sorria a cerca de 200 quilómetros da meta final em Alvalade, onde Jorge Corvo (Tavira) se opôs ao triunfo de qualquer dos homens da casa.

José Azevedo sagrou-se campeão nacional e o belga Walter Godefroot (Flândria) foi o vencedor do Porto-Lisboa. Na Prova de Abertura venceu Augusto Cardoso e Circuito da Malveira triunfou Emiliano Dionísio (Sporting).

No Brasil, Américo Silva (Benfica) averbou duas vitórias: Voltado de São Paulo e na Clássica de 9 de Julho.

## **1968**

### **Vitória de Américo Silva na estreia de Agostinho**

A Volta a Portugal de 1968 ficou marcada pela estreia de Joaquim Agostinho (Sporting) que se cotou como a grande revelação, com a conquista do segundo lugar, atrás de Américo Silva (Benfica), chegando mesmo em três a vestir a camisola amarela em três etapas consecutivas, embora não tenha conseguido vencer qualquer etapa.





Américo Silva

Depois dessa espectacular subida ao 'palco' do ciclismo, tornando-se, de imediato, a grande atracção das nossas estradas, Agostinho, campeão nacional de 1968, primeiro de seis títulos consecutivos, foi ao Mundial de Estrada e excedeu tudo quanto dele se poderia esperar assim tão cedo, ao classificar-se em 16º lugar na sua estreia internacional.

O então presidente da Federação de Ciclismo, Idalino de Freitas, revelou: *"Ninguém queria acreditar que Agostinho tinha um mês apenas de profissional."* Por sua vez, Agostinho, relativamente aos adversários que defrontou naquela prova, tais como as vedetas da época Anquetil, Gimondi, Motta e tantos outros, limitou-se a comentar: *"Sei lá quem eles eram, eu não conhecia nenhum."*

Vitória indiscutível de Joaquim Agostinho na Volta ao Estado de São Paulo, acerca de quem os jornais brasileiros sublinharam: *"Um campeoníssimo como nunca se vira pelas nossas estradas."* Nesse dia Agostinho teve de ser escoltado pela polícia para chegar ao pódio.

No regresso a Lisboa recordou que se fizera ciclista quando, ao decidir começar a gastar o dinheiro que tinha amealhado durante o serviço militar em África, pensou: *"Ou compro um gravador, um gira-discos ou uma bicicleta."*

Claro, comprou a bicicleta.

Agostinho conquistou o primeiro dos seus seis títulos consecutivos de campeão nacional e o Porto-Lisboa teve por vencedor o belga Eric Leman (Flândria). O Circuito da Malveira foi ganho por José Vieira, Leonel Miranda venceu o 2º Lisboa-Porto e o 1º Prémio Famel-Zundap. Fernando Mendes ganhou o 2º Prémio Casal.

Joaquim Agostinho, no Brasil, venceu a Volta ao Estado de São Paulo e uma etapa.

## **1969**

### **Agostinho arranca para uma carreira incomparável**

Agostinho foi autorizado pelo Sporting a aceitar o convite para participar no 'Tour' de França. O ciclista português conquistou a primeira grande vitória da sua carreira ao vencer a 7ª etapa do 'Tour', entre Nancy e Mulhouse, na distância de 193,5 quilómetros, à frente de Rudi Altig e de Roger De Vlaeminck.

A despeito da queda sofrida dias antes, Agostinho voltou a fazer alarde da sua categoria ao obter segunda vitória, desta feita na 17ª etapa entre La Grand Motte e Revel, com 234,5 quilómetros, o que lhe permitiu subir do 16º para o 14º lugar, suplantando Bengels e Wilfried David, quando Eddy Merckx já envergava a camisola amarela.



Joaquim Agostinho

Com o final do “Tour”, Joaquim Agostinho obtinha a sua definitiva consagração internacional, traduzida pelo oitavo lugar da geral, classificação que deixava antever largos voos na alta roda do ciclismo, pois acabava de conseguir a maior proeza de sempre do ciclismo português, que até aí pertencia a Alves Barbosa, classificado no 10º posto em 1956.

### **“Doping” retira primeira vitória de Agostinho na “Volta”**

A Volta a Portugal de 1969, em que Emiliano Dionísio foi o primeiro camisola amarela, terminou com a vitória de Joaquim Agostinho, vitória que, no entanto, veio a ser-lhe retirada e atribuída ao segundo classificado, Joaquim Andrade, em consequência dos resultados positivos das análises anti-doping, situação que, como se calcula, levantou enorme celeuma.



Joaquim Andrade

Só devido a uma queda, no que era useiro e vezeiro, Joaquim Agostinho não confirmou o favoritismo que o apontava como possível vencedor do Grande Prémio das Nações, em Paris. Mesmo assim classificou-se num honroso 5º lugar.

A dupla formada por Agostinho e Van Springel venceu o Troféu Barachi, disputado em Bergamo (Itália), tendo cabido um prémio de meio milhão de liras a cada um. Cobriram os 120 Kms à média de 46,220 Km/h. Em nova viagem ao Brasil, Agostinho obteve mais uma espectacular vitória na volta ao Estado de São Paulo.

Em 25 de Julho daquele ano o ciclismo nacional foi abalado pelo falecimento do antigo ciclista e grande campeão do Benfica, José Maria Nicolau, vítima de acidente de viação.

Joaquim Agostinho (Sporting) revalidou o título de campeão nacional e venceu o VIII GP Robbialac e GP Riopelle, e Emiliano Dionísio (Sporting) ganhou o Porto-Lisboa. No Circuito da Malveira a vitória foi conquistada por Fernando

Mendes. João Fonseca triunfou no GP Sach e Manuel Luís ganhou o GP FC Porto.

Joaquim Agostinho (Frimatic-Gribaldy) venceu o Troféu Baracchi (França), 2 etapas na Volta a França e 1 etapa na Volta ao Luxemburgo.